

POTROS DE LUZ
(Júlio Cesar Paim)

“Todos nascem livres!...”

-Eis o maior direito de todo o ser vivo,
desde a primeira constituição do mundo.

No entanto,

nem sempre é dado aos libertos o direito
de escolher, onde serão livres...

A liberdade de alguns é tão ampla
quanto o horizonte verde-azul de seus olhos.

Outros, só se dão conta de que são livres
quando a porteira do corredor é fechada,
embretando-os na inverno grande
e estreita, que leva às selvas de pedra.

Quantas vilas morreram no interior
pra formar esses aglomerados urbanos
que cresceram a galope, e ganharam
a condição de grandiosas metrópoles, megalópoles,
que de grande mesmo tenham, talvez, uma que outra
alma de campo e flor...

Hoje é outro o tranco do tempo!

Adeus aos domingos de carreirada onde,
ao fim da tarde, até as noivas nuvens se emocionavam
e deixavam lágrimas cair
bordando de azul seus brancos véus
e perfumando, com cheiro de terra pós chuva,
romances de amor escritos apenas nos olhos
do moço e da moça bonita da flor no cabelo!...

As carreiras de agora tem outro sentido.

Talvez sejam contra o relógio, por mais tempo
sem o que fazer.

É, pois, baio-sujo, o pêlo. E mais ligeiro que um raio
o cavalo nosso de cada dia!...

As horas -senhoras do tempo atual-
não têm mais tempo de andar a cavalo.

As manhãs primaveris de vida em flor

vão se diluindo no lombo,
nas pisaduras – rosas de sangue,
ocultas no vídeo dos olhos de vidro do cotidiano.

O anseio de fronteira aberta vai ficando a margem da linha
da página curvilínea coberta de asfalto,
onde a casa sol nas novas crônicas são escritas à pata de cavalo.

A medida que o inverno se aproxima
encurta a visão do home.

O “tapa-olho” nos olhos do animal

dá ao velho carroceiro a impressão que o mundo termina logo ali.

Talvez aquele que já teve um pedaço de campo brotando na alma, seja agora o de cabelos brancos, com o “rêio” na mão, querendo que o velho lubuno ande mais rápido que o seu próprio tempo.

Sempre existiram cavalos mansos e homens que se deixaram cabrestar!...

E talvez alguns contemporâneos não sejam diferentes daqueles da antiguidade que montaram um Cavalo de madeira, recheado de soldados, pra invadir uma cidade e resgatar uma Mulher...

Talvez alguém do nosso tempo, no lombo de um cavalo branco, andaluz, ainda fosse capaz de conduzir um exército de homens e cavalos cortando deserto em nome de uma guerra que daria a seu comandante o título de imperador do mundo. Mas que majestades são essas que fazem de seus semelhantes tronos vivos, que precisam de um lombo de cavalo para tornar-se rei?... Há quem negue que o animal cavalgar sempre foi um referencial para a humanidade. O cavalo é sensitivo. Tem a paz, nos olhos. Nas crinas, a liberdade dos ventos. E nos cascos, a ânsia dos livres, que não há como conter...

O homem e o cavalo!...
...é tal a semelhança entre os dois que hoje, ao invés de cinturão, tem gente usando barrigueira – com barbante de cincha e argola grande. E o que dizer do peão que tira o couro das patas do animal pra fazer um par de botas de garrão de potro?

Há quem não queira ver que sempre há uma grande mulher ao lado de um homem e, à frente dele, um cavalo de confiança. Lembrei do arado, das carretas, das carruagens, da amada -que da noite de lua cheia – foi levada na garupa... Olhai as fotografias das colheitas dos tempos de guerra e paz!...

Talvez a estátua viva mais perfeita, o maior monumento à Liberdade ainda seja um cavalo, livre ao vento. Ou então, um índio de lança em punho rumo ao sem fim!...
...um índio no lombo de um cavalo que já faz parte de mim.

Mas foram tantas as maldades cometidas, por cavaleiros nada cavalheiros, contra o fiel companheiro que alguns fletes, ao longo do caminho, viraram os arreios

e se foram, deixando apenas rastros na areia,
pra se tornar cavalos-marinhos, no fundo do mar...

TODOS NASCEM LIVRES!...

Sempre existiram cavalos mansos
e homens que se deixaram cabrestar...
Mas nem todo o homem aceita cabresto de prata
e há muitos potros que não se deixam domar!...

Alguns são de instinto bárbaro
e só deixam montar, orelhados, e por alguns segundos,
para que o hinete tenha a sensação de senhor do mundo...
Só no lombo de um aporreado
um homem simples chega mais perto de Deus!...

Lá de cima tudo é tão sublime.
Mas do ápice do lombo ao chão é tão rápido
quanto um passáro se libertando de nossas mãos...
Se o domador beija a grama só com a crina de consolo
o cavolo sempre pula por cima pra não machucar o peão.

Pena que o homem ainda não tenha entendido
que é preciso cair pra descobrir a origem de tudo...
...tudo vem da terra. Que é ventre, semente, raiz...
...vertente em si mesma – motivo maior pra alguém levantar.
E somente quando cai o domador beija a Terra – Mãe
e se encontra conisgo mesmo.

Há quem pense que um aporreado não conheça a terra onde pisa
e há quem diga que, diante os orelhadores,
muito cavalo se ajoelha.
Engano! Um cavalo só se ajoelha, em noite de temporal,
quando um raio corta a imensidão...
Sim!... Os animais cavalares só ficam “de joelhos”
diante o rebenque de Deus, quando vem em forma de luz.

Talvez aí esteja a arazão da rebeldia dos aporreados
diante dos orelhadores. Os cavalos “de lá muito” sabem que
a liberdade é sua razão de viver. Ser livre é sa missão.
Por isso, ao deixar o domador para trás,
os animais chucros parecem querer voar
pra não pisar a grama e a florizinha do campo...
Andam igual aos que tem coração alado...
...flutuam entre as nuvens verde-azuis do pampa,
tocando com as pontinhas dos cacos o sol
e tirando dele a mais sublime sinfonia de amor ao chão...
...são os potros de luz que se vão, livre!...
...rumo às estrelas
onde as puras almas de campo
e aqueles que não se deixarm domar
se encontraram para contemplar os mistérios da Criação.